

ARTECAPITAL

Magazine de Arte

Agenda

Publicidade

Contactos

Home

Agenda-Artcapital

Newsletter

Pesquisa



Notícias

Entrevista

Estado da Arte

Exposições

Perspetiva

Preview

Opinião

Arquitetura e Design

Música

No Atelier

O ESTADO DA ARTE



VIVER E MORRER À LUZ DAS VELAS

LUÍS RIBEIRO

2019-08-22

Nunca, na história da humanidade, se partilhou tantas imagens como nos últimos 20 anos, motivado pelo uso massivo dos *smartphones* com câmaras fotográficas e de vídeo com cada vez maior definição, assim como pelo aparecimento das redes sociais virtuais que permitem e facilitam a partilha. Mas as redes sociais não existem sem pessoas e como tal nem todas as fotografias partilhadas contêm em si uma estética, uma história, uma narrativa, um conceito ou uma ideia profunda. A maioria das imagens partilhadas são vazias de conteúdo reflexivo, interessando mais partilhar os locais onde as pessoas se encontram ou o que estão a fazer e com quem - um dos maiores exemplos é a vulgarização do autorretrato - a *selfie*.

Ver-se a si mesmo, como que num gesto de homenagem a Narciso, está na moda. No texto que Miguel Von Hafe Pérez escreveu sobre a exposição, descreve-nos uma ida ao atelier do artista, com os turistas a fotografarem compulsivamente a rua dos Caldeireiros, entre *selfies* e outras efemérides que apanham tudo o que aparece pela frente. Pérez escreveu a partir das entranhas da cidade que rodeiam o trabalho do Mauro Cerqueira: a rua dos Caldeireiros, invadida pela nova esteticização da cidade-cenário, forçada pelo novo mercado turístico; ou as fachadas imaculadas que tentam esconder à força o andar arrastado dos *junkies* por entre vielas com fedor a mijo.

Entre 2008 e 2010 Mauro Cerqueira realizou um conjunto de trabalhos na zona das Cardosas, espaço demolido para dar lugar ao Hotel Intercontinental, forçando a descoberta de um cemitério carregado de ossadas. O artista, como um arqueólogo fingido e munido de um saco plástico, encarregou-se de guardar um conjunto de crânios e outros ossos, dando origem ao vídeo "Porto Morto" (2010), numa crítica ao "Porto Vivo", nome dado pela Câmara Municipal à "requalificação" da cidade. Esta morte anunciada do Porto genuíno, dos seus negócios centenários e dos bairros típicos, deu origem a uma série de trabalhos que se prolongam até hoje.

A obra "Viagem dos Mortos" (2019) que Mauro nos apresenta na exposição "Desenganar" na Galeria Nuno Centeno, junta o mundo dos vivos e dos mortos. No chão vemos uma mala aberta que foi encontrada na rua pelo artista, prática que tem sido comum na cidade, motivada pelos constantes roubos aos turistas, na procura faminta de dinheiro para próxima dose. No seu interior vemos uns pacotes brancos, embrulhados com película aderente, fazendo lembrar o tráfico de droga. Mas não. O que está embrulhado são ossos de um crânio despedaçado encontrado em 2010. Na parede, a obra "#casasnumbocomalcheiroso" (2018), reúne um conjunto de objetos - um cone de sinalização, umas minigarrafas de Martini e fotografias de vizinhos e amigos do artista residentes na Rua dos Caldeireiros, algumas delas já falecidas. Tudo isto colado num cartaz da imobiliária de luxo Sotheby's que o artista encontrou caído no chão da rua. Entre esta sala da galeria e a "sala dos espelhos", encontramos quatro obras, das quais destaco duas: "#punckderretidovómito" (2019), com uns óculos de sol (que escondem), correntes (que prendem), cera (que arde e derrete) e pigmento sobre um espelho (que nos reflete) numa alusão aos ex-votos, entre a fé e a crença, entre a realidade e a alucinação opiácea, pela iluminação (ou assombração) constante da Capela de Nossa Senhora da Silva, na Rua dos Caldeireiros. O outro trabalho que destaco é "#cachimboemlínguacortada" (2019), com línguas em cera, objetos cortantes e um cachimbo de crack com sinais evidentes de uso. A dureza destes trabalhos serve de porta de entrada para a sala principal da galeria. Mas já lá vamos.

A exposição "Desenganar" fez-me pensar em vários artistas da história da arte. Andy Warhol, ao multiplicar exaustivamente o rosto de cada celebridade, ou dos ícones publicitários retirados do quotidiano



Transboavista
VPF
Art Edifício

Links



Ernesto
de Sousa
ernestodesousa.com



MNCARS





consumista, introduziu-lhes uma aura que não existia na singularidade de cada imagem, anterior à sua reprodução que lhe garantiu um lugar no *white cube*. A estratégia deste artista Pop, ao criticar o consumo excessivo das sociedades, conquistou um lugar na história da arte ao utilizar os mecanismos de reprodutibilidade técnica que a própria *sociedade do espetáculo* se encarregou de criar. Contribuiu para a legitimização da transformação de uma imagem banal captada pelos *media* em obra de arte, interrogando a ideia, tal como Marcel Duchamp, de autoria através de uma simples assinatura. Fez a apologia da fama ou denunciou-a, expondo a relação ambivalente entre a fama e o mundo das celebridades - era um apologistas do universo da fama e do sucesso, usando-o para os criticar. Este artista Pop antecipou a "tele-realidade", profetizando que todos teriam direito aos seus "15 minutos de fama"; "A morte pode fazer de vocês estrelas", terá dito um dia Andy Warhol. Tal como Warhol, Mauro Cerqueira recolhe vários objetos do quotidiano portuense, transportando-os para a galeria, introduzindo-lhes uma carga simbólica que nos alerta para determinados problemas das cidades massificadas na contemporaneidade. Os seus trabalhos são como feridas abertas ao olhar do espetador, permitindo um olhar reflexivo a partir de objetos que a própria sociedade produz.

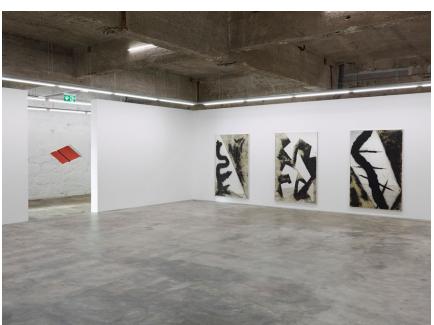
Muitas das "profecias" de Warhol foram reinventadas na obra escrita de Guy Debord "A Sociedade do Espectáculo" [1]. Debord, no seu texto "A Separação Consumada", diz-nos que a produção anuncia-se como uma «imensa acumulação de *espetáculos*», onde estes se apresentam ao mesmo tempo que a própria sociedade, como parte dela e como «instrumento de unificação», que aparenta garantir uma sociedade equilibrada e igualitária nos gostos e nos interesses, ou seja, massificada. No fundo, o que Debord nos quer dizer é que o espetáculo reside na relação social entre pessoas, surgindo mediatisada através das imagens. Os "15 minutos de fama" de que Warhol nos falava, era outra forma de afirmar a aparência de toda a vida humana pós-moderna, de uma sociedade que passou a viver *para ter* em vez de *ser*. E não é fácil escapar ao espetáculo, porque «Ao analisar o espetáculo, fala-se em certa medida com a própria linguagem do espetacular, no sentido em que se pisa o terreno metodológico desta sociedade, que se expressa no espetáculo.» (2012: 11).

De facto, como nos diz Debord, vivemos «Onde o mundo real se converte em simples imagens, as simples imagens tornam-se seres reais, e motivações eficientes de um comportamento hipnótico» (2012: 13). Se noutras épocas o tato foi um dos sentidos mais privilegiados no que respeita ao momento de fazer ou de comunicar, hoje a visão adquire um lugar privilegiado na nossa maneira de pensar a comunicação.

«Ver-se a si mesmo (sem ser num espelho), à escala da história, é um acto recente. O retrato, pintado, desenhado ou miniaturizado foi, até à difusão da Fotografia, um bem restrito, destinado, aliás, a marcar um estatuto social e financeiro. E, de qualquer modo, um retrato pintado, por muito semelhante que seja (é o que falta provar), não é uma fotografia. É curioso que não se tenha pensado na perturbação (de civilização) que este acto novo trás.»
Barthes, 2018: 20

Mauro Cerqueira transporta para a galeria imagens e objetos das entranhas do quotidiano portuense que o rodeia. Apropria-se de objetos encontrados na rua, como malas de viagem ou CDs adquiridos pelo artista a *junkies* que procuraram uns trocos para um pedaço de droga. As questões levantadas pelo trabalho de Mauro Cerqueira são ainda mais relevantes no mundo atual, cada vez mais digitalizado, onde a tecnologia simultaneamente liberta o nosso tempo, mas distrai-nos infinitamente. Estamos a perder o nosso tempo colados aos ecrãs dos *gadgets* eletrónicos; Nesse sentido, a exposição "Desenganar" pede-nos para refletir sobre como passamos as horas, os dias e os anos de nossas vidas e como nos relacionamos com os espaços onde vivemos.





Fotografia: Filipe Braga

O olhar crítico de Mauro Cerqueira parece residir no que Debord descreve como: «O espectáculo é o mau sonho da sociedade moderna acorrentada, que não expressa finalmente mais o seu desejo de dormir. O espectáculo é o guardião deste sono» (2012: 14). Ou seja, o espetáculo funciona como mecanismo de entretenimento que adormece as sociedades, porque esta comunicação é essencialmente unilateral, filtrada e iluminada por um ecrã. Talvez seja por isto que as correntes aparecem várias vezes na exposição “Desenganar”.



Fotografia: Filipe Braga



Com este adormecimento das sociedades que nos submete ao televisionamento (e hoje, cada vez mais alargado aos computadores e smartphones) somos conduzidos a um isolamento asfixiante.

«O sistema económico fundado no isolamento é uma *produção circular de isolamento*. O isolamento funda a técnica, e, por sua vez, o processo técnico isola. Do automóvel à televisão, todos os *bens seleccionados* pelo sistema espectacular são também as suas armas para o reforço constante das condições de isolamento das «multidões solitárias». O espectáculo reencontra cada vez mais concretamente os seus próprios pressupostos.» (Debord, 2012: 17)

O que une os espetadores é o isolamento. E quanto mais contemplamos, menos vivemos. Assistimos hoje, mais do que nunca, a uma fabricação massiva da alienação. Caminhamos sobre um terreno pantanoso de onde é muito difícil escapar, mesmo que seja através de uma perspetiva cínica e crítica dos acontecimentos. É sobre estas linhas de pensamento que Mauro Cerqueira parece caminhar. Os dependentes em heroína isolam-se, escondem-se em casas abandonadas e refugiam-se da sociedade à luz das velas, um tipo de isolamento não muito distante daquele que é provocado pelos instrumentos hipnóticos que a sociedade cria para nos alienar. Por tudo isto, a “sala dos espelhos”, com dez trabalhos impressionantes feitos com cera derretida, pigmento e alguns objetos colados sobre a superfície (como capas de telemóvel partidas ou conchas trazidas da sua experiência na residência Robert Rauschenberg, em Captiva na Florida em 2013), atraem o nosso olhar como um íman. Lembrei-me das “*Mirror Paintings*” de Michelangelo Pistoletto, e da magnífica performance “*Twenty-two less two*” (2009), quando Pistoletto partiu uma série de espelhos com um martelo, criando uma relação fascinante entre o fundo negro dos quadros e a imagem refletida.

O que impressiona nesta série de trabalhos de Mauro Cerqueira é a técnica utilizada, assim como o resultado obtido (uma clara referência à pintura abstrata da segunda metade do século XX). O processo manual, meticuloso, de deixar cair gota-a-gota a cera derretida sobre óxido de ferro, criam uma textura que anula o reflexo. O resultado final cria um interessante jogo conceitual com os *black mirrors* dos smartphones (o



vidro dos telemóveis só reflete quando está desligado), fazendo parecer ecrãs partidos, como que negando este *selfie-show* deprimente que as sociedades contemporâneas atravessam. Porque morrer à luz das velas não é muito diferente de viver à luz dos ecrãs.

Luís Ribeiro
[www.luisribeiro.pt]

:::

Notas

[1] Guy Debord, "A Sociedade do Espectáculo", ed. Antígona, 2012.

:::

Referências bibliográficas

Barthes, Roland, "A Câmara Clara - Nota Sobre a Fotografia", Edições 70, 2018;
Debord, Guy, "A Sociedade do Espectáculo", Antígona, 2012.
Pérez, Miguel Von Hafe, "Trânsito e tráfico. A vida na arte", folha de sala exposição "Desenganar", 2019.



Outros artigos:

2019-11-12
36º PANORAMA DA ARTE BRASILEIRA

2019-10-06
PARAÍSO PERDIDO

2019-08-22
VIVER E MORRER À LUZ DAS VELAS

2019-07-15
NO MODELO NEGRO, O OLHAR DO ARTISTA
BRANCO

2019-04-16
MICHAEL BIBERSTEIN: A ARTE E A
ETERNIDADE!

2019-03-14
JOSÉ MACÃS DE CARVALHO – O JOGO DO
INDIZÍVEL

2019-02-08
A IDENTIDADE ENTRE SEXO E PODER

2018-12-20
@MIAMIARTWEEK - O FUTURO AGENDADO
NO ÉDEN DA ARTE CONTEMPORÂNEA

2018-11-17
EDUCAÇÃO SENTIMENTAL. A COLEÇÃO PINTO
DA FONSECA

2018-10-09
PARTILHAMOS DA CRÍTICA À CENSURA, MAS
PARTILHAMOS DA FALTA DE APOIO ÀS
ARTES?

2018-09-06
O VIGÉSIMO ANIVERSÁRIO DA BIENAL DE
BERLIM

2018-07-29
VISÕES DE UMA ESPANHA EXPANDIDA

2018-06-24
O OLHO DO FOTÓGRAFO TAMBÉM SOFRE DE
CONJUNTIVITE, (UMA CONVERSA EM TORNO
DO PROJECTO SPECTRUM)

2018-05-22
SP-ARTE/2018 E A DIFÍCIL TAREFA DE
ESCOLHER O QUE VER

2018-04-12
NO CORAÇÃO DESTA TERRA

2018-03-09
ÁLVARO LAPA: NO TEMPO TODO

2018-02-08
SFMOMA SAN FRANCISCO MUSEUM OF
MODERN ART: NARRATIVA DA
CONTEMPORANEIDADE

2017-12-20
OS ARQUIVOS DA CARNE: TINO SEHGAL
CONSTRUCTED SITUATIONS

2017-11-14
DA NATUREZA COLABORATIVA DA DANÇA E
DO SEU ENSINO

2017-10-14
ARTE PARA TEMPOS INSTÁVEIS

2017-09-03
INSTAGRAM: CRIAÇÃO E O DISCURSO
VIRTUAL – “TO BE, OR NOT TO BE” – O CASO
DE CINDY SHERMAN

2017-07-26
CONDO: UM NOVO CONCEITO CONCORRENTE
À TRADICIONAL FEIRA DE ARTE?

2017-06-30
"LEARNING FROM CAPITALISM"

2017-06-06
110.5 UM, 110.5 DOIS, 110.5 MILHÕES DE
DÓLARES... VENDIDO!

2017-05-18
INVISUALIDADE DA PINTURA – PARTE 2:
"UMA HISTÓRIA DA VISÃO E DA CEGUEIRA"

2017-04-26
INVISUALIDADE DA PINTURA – PARTE 1: «O
REAL É SEMPRE AQUILO QUE NÃO
ESPERÁVAMOS»

2017-03-29
ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O CONCEITO
CONTEMPORÂNEO DE FEIRA DE ARTE

2017-02-20
SOBRE AS TENDÊNCIAS DA ARTE ACTUAL EM
ANGOLA: DA CRIAÇÃO AOS NOVOS CANAIS
DE LEGITIMAÇÃO

2017-01-07
ARTLAND VERSUS DISNEYLAND

2016-12-15
VALORES DA ARTE CONTEMPORÂNEA: UMA
CONVERSA COM JOSÉ CARLOS PEREIRA
SOBRE A PUBLICAÇÃO DE *O VALOR DA ARTE*

2016-11-05
O VAZIO APOCALÍPTICO

2016-09-30
TELEPHONE WITHOUT A WIRE – PARTE 2

2016-08-25
TELEPHONE WITHOUT A WIRE – PARTE 1

2016-06-24
COLECCIONADORES NA ARCO LISBOA

2016-05-17
SONNABEND EM PORTUGAL

2016-04-18
COLECCIONADORES AMADORES E
PROFISSIONAIS COLECCIONADORES (II)

2016-03-15
COLECCIONADORES AMADORES E
PROFISSIONAIS COLECCIONADORES (I)

2016-02-11
FERNANDO AGUIAR: UM ARQUIVO POÉTICO

2016-01-06
JANEIRO 2016: SER COLECCIONADOR É...

2015-11-28
O FUTURO DOS MUSEUS VISTO DO OUTRO
LADO DO ATLÂNTICO

2015-10-28
O FUTURO SEGUNDO CANDJA CANDJA

2015-09-17
PORQUE É QUE OS BLOCKBUSTERS DE MODA
SÃO MAIS POPULARES QUE AS EXPOSIÇÕES
DE ARTE, E O QUE É QUE PODEMOS DIZER
SOBRE ISSO?

2015-08-18
OS DESAFIOS DO EFÉMERO: CONSERVAR A
PERFORMANCE ART - PARTE 2

2015-07-29
OS DESAFIOS DO EFÉMERO: CONSERVAR A
PERFORMANCE ART - PARTE 1

2015-06-06
O DESAFINADO RONDÔ ENWEZORIANO. "ALL
THE WORLD'S FUTURES" - 56ª EXPOSIÇÃO
INTERNACIONAL DE ARTE DE VENEZA

2015-05-13
A 56ª BIENAL DE VENEZA DE OKWUI
ENWEZOR É SOMBRIA, TRISTE E FEIA

2015-04-08
A TUMULTUOSA FERTILIDADE DO HORIZONTE

2015-03-04
OS MUSEUS, A CRISE E COMO SAIR DELA

2015-02-09
GUIDO GUIDI: CARLO SCARPA. TÚMULO
BRION

2015-01-13
IDEIAS CAPITAIS? OLHANDO EM FRENTE
PARA A BIENAL DE VENEZA

2014-12-02
FUNDAÇÃO LOUIS VUITTON

2014-10-21
UM CONTEMPORÂNEO ENTRE-SERRAS

2014-09-22
OS NOSSOS SONHOS NÃO CABEM NAS
VOSSAS URNAS: Quando a arte entra pela
vida adentro - Parte II

2014-09-03
OS NOSSOS SONHOS NÃO CABEM NAS
VOSSAS URNAS: Quando a arte entra pela
vida adentro - Parte I

2014-07-16
ARTISTS' FILM BIENNIAL

2014-06-18
PARA UMA INGENUIDADE VOLUNTÁRIA:
ERNESTO DE SOUSA E A ARTE POPULAR

2014-05-16
AI WEIWEI E A DESTRUIÇÃO DA ARTE

2014-04-17
QUAL É A UTILIDADE? MUSEUS ASSUMEM
PRÁTICA SOCIAL

2014-03-13
A ECONOMIA DOS MUSEUS E DOS PARQUES
TEMÁTICOS, NA AMÉRICA E NA "VELHA
EUROPA"

2014-02-13
É LEGAL? ARTISTA FINALMENTE BATE
FOTÓGRAFO

2014-01-06
CHOICES

2013-09-24
PAIXÃO, FICÇÃO E DINHEIRO SEGUNDO
ALAIN BADIOU

2013-08-13
VENEZA OU A GEOPOLÍTICA DA ARTE

2013-07-10
O BOOM ATUAL DOS NEGÓCIOS DE ARTE NO
BRASIL

2013-05-06
TRABALHAR EM ARTE

2013-03-11
A OBRA DE ARTE, O SISTEMA E OS SEUS
DONOS: META-ANÁLISE EM TRÊS TEMPOS
(III)

2013-02-12
A OBRA DE ARTE, O SISTEMA E OS SEUS
DONOS: META-ANÁLISE EM TRÊS TEMPOS
(II)

2013-01-07
A OBRA DE ARTE, O SISTEMA E OS SEUS
DONOS. META-ANÁLISE EM TRÊS TEMPOS (I)

2012-11-12
ATENÇÃO: RISCO DE AMNÉSIA

2012-10-07
MANIFESTO PARA O DESIGN PORTUGUÊS

2012-06-12
MUSEUS, DESAFIOS E CRISE (II)

2012-05-16
MUSEUS, DESAFIOS E CRISE (I)

2012-02-06

A OBRA DE ARTE NA ERA DA SUA
REPRODUTIBILIDADE DIGITAL (III -
conclusão)

2012-01-04

A OBRA DE ARTE NA ERA DA SUA
REPRODUTIBILIDADE DIGITAL (II)

2011-12-07

PARAR E PENSAR...NO MUNDO DA ARTE

2011-04-04

A OBRA DE ARTE NA ERA DA SUA
REPRODUTIBILIDADE DIGITAL (I)

2010-10-29

O BURACO NEGRO

2010-04-13

MUSEUS PÚBLICOS, DOMÍNIO PRIVADO?

2010-03-11

MUSEUS – UMA ESTRATÉGIA, ENFIM

2009-11-11

UMA NOVA MINISTRA

2009-04-17

A SÍNDROME DOS COCHES

2009-02-17

O FOLHETIM DE VENEZA

2008-11-25

VANITAS

2008-09-15

GOSTO E OSTENTAÇÃO

2008-08-05

CRÍTICO EXCELENTEÍSSIMO II – O DISCURSO
NO PODER

2008-06-30

CRÍTICO EXCELENTEÍSSIMO I

2008-05-21

ARTE DO ESTADO?

2008-04-17

A GULBENKIAN, "EM REMODELAÇÃO"

2008-03-24

O QUE FAZ CORRER SERRALVES?

2008-02-20

UM MINISTRO, ÓBICES E POSSIBILIDADES

2008-01-21

DEZ PONTOS SOBRE O MUSEU BERARDO

2007-12-17

O NEGÓCIO DO HERMITAGE

2007-11-15

ICONOLOGIA OFICIAL

2007-10-15

O CASO MNAA OU O SERVILISMO EXEMPLAR